

A SOCIOLOGIA FILOSÓFICA DE GEORG SIMMEL E O PROBLEMA DO TEMPO HISTÓRICO

Anni Marcelli Santos de Jesus – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas

Email: annimarcelli@hotmail.com

Resumo

O artigo visa tecer algumas considerações sobre o perfil metodológico de Georg Simmel, em relação à teoria sociológica e histórica, a partir do livro “Questões Fundamentais de Sociologia” e do ensaio “O problema do Tempo Histórico”.

Palavras-chave:

Simmel, teoria sociológica, tempo histórico

Abstract

This article aims to make some considerations about the methodological profile of Georg Simmel, in relation to historical and sociological theory, based on the book “Questões Fundamentais de Sociologia” and on the essay “O problema do Tempo Histórico”.

Keywords:

Simmel, sociological theory, historical time.

Introdução

A obra de Georg Simmel possui um caráter plural. Seu estudo analisa de forma crítica a modernidade, a vida urbana, imiscuído de resultantes de estudos interdisciplinares, como Filosofia, Sociologia, Antropologia, etc. Tal amplitude na utilização de conhecimentos diversos, mas utilizados dentro de uma coerência simmeliana, tornou possível a aplicação de sua concepção de ciência nas mais diversas áreas do mundo moderno, tais como moda, comida, o feminino, o estrangeiro, dentre outros. Por sua obra possuir esse caráter interdisciplinar, Georg Simmel, que, apesar de ter obtido relativo reconhecimento, já que seus cursos eram sempre repletos de alunos e de ter tido muitos de seus ensaios publicados, não tinha esse reconhecimento na Academia, por parte de outros professores. Um dos motivos dizia respeito aos temas analisados por Simmel: a prostituição, por exemplo, era um tema que não interessava aos filósofos contemporâneos seus. Tedesco (2009, p.138) ressalta que “muitos consideravam que seus escritos eram de cultura “baixa”, fato esse que os tornava suspeitos”. Além disso, outro obstáculo que Georg Simmel teve de enfrentar enquanto cientista social foi o fato de ser de origem judaica em uma Alemanha de final de XIX e início de XX, época em que o espírito antissemita dilatava-se em todos os setores, inclusive no meio acadêmico. Por esse motivo, Georg Simmel conseguiu tornar-se professor titular de Filosofia somente aos cinquenta e seis anos, na cidade de Strasburgo, durante a Primeira Guerra Mundial.

Esses acontecimentos tiveram forte influência em sua obra, principalmente a sua vivência durante a guerra e a sua própria situação de judeu em um país que não o aceitava. Além de sua vivência pessoal como influencia em sua obra, Georg Simmel sofreu influências pontuais de diversos intelectuais, tais como a de Hegel, Kant e Marx e Weber, Nietzsche, entre outros. Essas influências se tornam mais evidente em sua teoria da história, como veremos mais adiante. Sobre os pensadores influenciados pelas análises de Simmel, o principal, na concepção de Tedesco (2009, p. 139), foi seu aluno Georg Lukács, o qual “desenvolveu mais diretamente noções simmelianas, principalmente em torno da ideia de alienação, objetivação, predomínio do espírito objetivo, reificação, dentre outras”.

Além de Lukács, Jürgen Habermas define Simmel como um intérprete de sua época, que filosofava no campo das ciências sociais¹. Simmel também influenciou e se fez presente nos estudos de Max Weber que recorreu à “Filosofia do dinheiro”, para informar-se sobre a mudança de cenário, quando relações comunicativas naturais são traduzidas pela “linguagem universal do dinheiro²”. Em sua sociologia filosófica, Simmel delinea os caminhos que a pesquisa sociológica trilha para alcançar seus objetivos e valoriza a relação da sociologia com outros campos científicos. Para ele, o objeto a sociologia não lhe é próprio, pois esta “se aclimata a cada campo específico de pesquisa, tanto no da economia como no campo-histórico-cultural”, tanto no ético como no teológico” (SIMMEL, 2006, p. 22). Por isso, antes de adentrarmos em sua teoria da história e no problema do tempo histórico, faz-se importante a apreensão do pensamento simmeliano a respeito de Ciência e da Sociologia como método e, assim, obter uma melhor visão de sua teoria da história, tema este que já era alvo de sua preocupação desde 1982, com a publicação de “Problemas da filosofia da História”. Em nota do editor, no livro “Ensaio sobre a teoria da história”, é-nos dito que esta temática sempre esteve presente, devido a preocupações tardias com a teoria da História³, por isso Simmel pretendia realizar modificações em uma nova edição de seu livro “Problemas da filosofia da História”, mas não teve tempo de fazê-las. Contudo, escreveu três ensaios, reunidos em “Ensaio sobre a teoria da História”, de onde podemos compreender seu pensamento a respeito da teoria da História.

No primeiro ensaio, “O problema do tempo histórico”, Simmel faz uma análise sobre o significado do tempo para a compreensão da História; em “A natureza da compreensão histórica”, segundo ensaio, temos como ponto principal a compreensão histórica como um fenômeno, que possui uma estrutura bem mais complexa, em comparação ao historicismo e seu caráter mecanicista, que de acordo com Georg Simmel, compreende os fatos de modo superficial (2011, p.42), por fim, temos o terceiro ensaio, “A forma da História”. Neste último ensaio, Simmel explica o processo de formação da História, em que os conteúdos se reorganizam em um movimento objetivo e psicológico de

¹ HABERMAS, J. Simmel como intérprete de la época. Epílogo, In: SIMMEL, G. Sobre la aventura: ensayos filosóficos. Barcelona: Península, 1988. P. 273-285.

² Tedesco (2009:1, p.252) apud HABERMAS, J. Teoría de la acción comunicativa. Tradução Manuel J. Redondo. Madrid: Taurus, 1987, vol I, p. 457.

³ Nota do Editor no livro “Ensaio sobre a teoria da história”.

modo a se tornarem coerentes. Não no sentido cronológico, mas na lógica dos conteúdos, os quais são vivos e dialogam com os conteúdos da consciência atual (SIMMEL, 2001, p. 62).

Em suma, além de uma tentativa de compreensão do pensamento sociológico de Simmel, temos como nosso objetivo principal de estudo, explanar os principais pontos, conceitos e sua concepção a respeito do lugar do tempo na história e como isso se verifica em outras análises do autor sobre as interações sociais na modernidade a partir do ensaio “O problema do tempo histórico”.

A Sociologia como método científico

A teoria sociológica de Simmel, assim como a de Durkheim, Weber e outros, apresenta-se no sentido de “demonstrar seu direito à existência” (SIMMEL, 1996, P. 9). Para isso, Simmel procura esclarecer conceitos e questionamentos relativos ao estudo da sociedade, pois a compreensão da Sociologia como campo científico tem início no reconhecimento de seu objeto de estudo (conteúdos e objetivos), o qual se encontra na produção da sociedade e na conformação dos indivíduos. A partir desses dois pontos, Simmel cria o seu conceito de *microsociologia*, ou seja, o estudo ao nível micro dos fenômenos sociais. Sendo esta a base de criação da *Sociologia formal*, na qual Simmel se mostra bastante influenciado por Kant e sua teoria do conhecimento. Teoria esta que tem na experiência a sua base para o entendimento. Para Kant, a razão impõe aos objetos, conceitos *a priori*, uma vez que são antecidos de pressupostos, onde a experiência (ou empirismo) pode ser externa ou interna, e suas condições se encontram na filosofia transcendental, ou seja, todo conhecimento que se ocupa em geral não tanto de objetos, mas de modo de conhecimento de objetos na medida em que este deve ser possível⁴.

Na *Sociologia formal*, Simmel distingue conteúdo de objeto, e esses dois aspectos interagem com uma forma específica e um conteúdo, criado pelas motivações para, assim,

⁴ Lang da Silveira, F. *A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental*. Cad. Cat. Ens. Fís., 30 v. 19, número especial: p. 28-51, mar. 2002.

chegarmos ao conceito de *sociação*. Em relação ao objeto da sociologia, Simmel é enfático em afirmar que este não é próprio do campo sociológico, que é comum a outras ciências também, o que confere à análise sociológica um caráter universal. Para esclarecer a relação entre objeto e conteúdo, Simmel (1996, p. 27) afirma que:

Os objetos corporificam suas próprias ideias, eles têm significados, leis, padrões de valor que são independentes da vida social e individual, e que possibilitam defini-los e compreendê-los em seus próprios termos. Perante toda realidade, mesmo esse entendimento envolve uma abstração, uma vez que nenhum conteúdo objetivo se realiza por sua lógica própria, mas só pode fazê-lo por meio de forças históricas e espirituais. A cognição não pode apreender a realidade em sua total imediaticidade – o que chamamos de conteúdo objetivo é algo concebido a partir de uma categoria específica.

Pois, assim como os objetos são diversos, são diversos também os conteúdos e suas categorias. Daí a importância do método nas investigações sociológicas, e é por meio deste conceito sobre as categorias de interpretação da sociedade que Simmel justifica a relevância de sua amplitude temática enquanto cientista social, pois, segundo ele, a *sociação* constitui toda interação entre os homens, tanto pela unidade, quanto pela contrariedade a essa unidade, ou seja, pelo conflito e pela individuação, a qual é repleta de motivações tais como paixões, desejos, angústias e aflições. Os conflitos, de modo geral, possuem função social, pois produzem ou modificam os grupos de interesse, de modo a resolver a tensão entre os contrastes, de modo que os indivíduos interajam a partir dessas motivações, formando, assim, uma negação da unidade. Nesse ponto, da relação do indivíduo com o objeto, Simmel (1983, p.123) faz uma crítica à Sociologia tradicional, por excluir do conceito de unidade, a sua negação:

Parece que antigamente havia só duas questões subjetivas compatíveis com a ciência do homem: a unidade do indivíduo e a unidade formada pelos indivíduos, a sociedade; uma terceira parecia logicamente excluída. (...) Uma classificação mais abrangente da ciência das relações humanas deveria distinguir, parece, aquelas relações que constituem uma unidade, isto é, as relações sociais no sentido estrito, daquelas que contrariam a unidade. Deve-se compreender, todavia, que ambas as relações costumam ser encontradas em todas as situações historicamente reais.

Com a compreensão desses conceitos, podemos entender a sociedade como uma forma de interação entre os indivíduos com a finalidade de realização de conteúdos materiais. Importante entender que na construção da análise sociológica, o indivíduo é uma

construção abstrata dentro de diversos processos de aproximações e afastamentos que ocorrem na sociedade, chegando-se a conclusão de que, por meio da análise da interação psíquica entre os indivíduos, os campos sociais onde os processos de interação estão presentes vão além dos processos de interação estabelecidos pela Sociologia tradicional, tais como Estado e igreja, pois as relações existentes dentro das estruturas sociais são mais complexas, “a essência da alma humana não permite que um indivíduo se ligue a outro por um elo apenas, ainda que a análise científica não se dê por satisfeita enquanto não determina o poder de coesão de unidade elementares” (SIMMEL, 1983, p.128).

Vemos na obra de Simmel a presença de analogias históricas diversas na discussão de um determinado conceito, como por exemplo, de um elemento psicológico, antagonismo (1983, p. 133) ou a competição (1983, p.137) como elementos de *sociação*. Dessa forma, podemos compreender melhor como Simmel trabalha os conteúdos históricos a partir de análises filosóficas e sociológicas.

Simmel e a Filosofia da História

Como já aludido na introdução, Georg Simmel jamais se afastou de suas inquietações acerca da teoria da história, tanto que os *Ensaio sobre teoria da história* foram escritos entre 1916 e 1918, ano em que Simmel faleceu. Para iniciarmos este estudo sobre a teoria de Simmel sobre a História, é importante ressaltar aspectos de seu livro “Filosofia da História” é evidente. Uma vez que os “Ensaio”... poderiam ser considerados como sua complementação e em seu livro “Filosofia”... Simmel faz uma correlação entre análise dos fenômenos sociais e fenômenos históricos, pois ambos são formados da união entre ações individuais e suas interpretações.

Enfatizando a importância das experiências individuais, Simmel vai de encontro à concepção totalizante da Sociologia, de leis sociológicas. Esse entendimento inclui a forma com que se interpreta a História, com a negação do Realismo histórico em uma valorização do subjetivismo como pressuposto para a verdadeira compreensão. Assim, a verdadeira

compreensão, que se dá de forma subjetiva, no movimento de interação do sujeito com objeto, em uma *sociação* entre a ação humana e os processos históricos.

Ainda sobre o subjetivismo na História, outro ponto importante em “Filosofia”...é a relação entre a verdade e o conhecimento. Simmel salienta que a compreensão histórica não precisa seguir apenas uma perspectiva; os caminhos e os pontos de vista são vários, pois não existe conhecimento absoluto sobre um fato. Sobre isso TEDESCO (2009:1, p. 146 apud Waizbort, 2000; Souza; Oelze, 1998) ressaltam que: “da lógica relacional, do entender que a verdade o conhecimento não são, em absoluto, absolutos, por isso, a verdade entendida como produto das relações que se estabelecem entre sujeito e objeto (...)”. Dessa forma ficam identificados os meios de interação e *sociação* no movimento de compreensão da história assim entendido por Simmel. Essa interação entre sujeito e objeto, ou entre sujeitos, agrega as ações que caracterizam o fenômeno histórico. Assim, os indivíduos ficam em constante relação com os outros. Mais uma vez, a crítica ao Realismo histórico é pontuada, pois os fenômenos históricos não possuem caráter regular, uma vez que “as regularidades macrosociais não são produtos de leis, elas são produtos da ação dos homens”. (TEDESCO, 2009, p. 148 apud Voza, 2003, p.24). Nesse sentido, entendemos que a análise histórica da modernidade se utiliza de uma perspectiva compreensiva em contraposição a interpretações objetivas e totalizantes.

Sobre o problema do tempo histórico

A compreensão como aspecto indispensável na análise do fenômeno sociológico, representa também um pressuposto importante na atribuição de caráter histórico a um conteúdo. Antes de tudo, Simmel destaca que, sendo o passado o objeto da História, a classificação do tempo é determinante para que se considere um conteúdo como histórico.

Retomando o aspecto da compreensão, que “apesar de ela ser atemporal e não ter nada a ver com a realidade histórica”, (SIMMEL, 2011, p.10) promove a percepção da coerência entre os conteúdos. Dessa forma, não se está deixando de incluir as relações de tempo. A diferença está em organizar os conteúdos de modo a se construir uma unidade, e

não simplesmente organizá-los de forma cronológica. Para ilustrar isso, Simmel (2011, p.12) exemplifica:

Se, por exemplo, compreendermos as manifestações do Barroco por seus conteúdos, de modo que essa compreensão permaneça a mesma seja qual for o espaço do barroco, o âmbito do problema estende-se então ao Renascimento. Os dois formam agora a unidade sujeita à compreensão, unidade que, como tal, uma vez adquirida sua inteligibilidade interna e objetiva, não é afetada pelo lugar que ocupa no tempo histórico.

A coerência não é afetada por este deslocamento, devido ao nosso conhecimento dos conteúdos e suas consequências. Organizando assim os conteúdos, eles poderiam ocupar qualquer lugar dentro de uma sequência, contudo, dentro de uma totalidade histórica, não poderiam ser deslocados⁵.

A individualização, outro aspecto utilizado para a determinação do tempo histórico também é analisado por Georg Simmel, é desmistificado quando o autor observa que fatos de idênticos conteúdos podem se repetir e sem perder seu caráter histórico por causa disso. Portanto, a individualização de um conteúdo não constitui elemento decisivo, nem, do mesmo modo, a duração de um processo histórico é um elemento de um conteúdo, sem qualquer ligação com outros elementos, já que a duração de conteúdo histórico não se articula a outros conteúdos. Para melhor visualizar esse entendimento, Simmel (2011, p.18) salienta que:

Se soubéssemos apenas que a guerra começada em 1756 por Frederico, o Grande durou sete anos, tal número pareceria indiferente se não compreendêssemos uma sequência inteligível de fatos ou se não conhecêssemos as *mutações* que essa guerra trouxe para a política europeia.

A partir disso, podemos perceber que os acontecimentos são ligados ou condicionados uns aos outros. O exemplo do conteúdo acima, se relaciona com outros: “batalhas, tropas, negociações” (SIMMEL, 2011, p.22). Assim, Georg Simmel nos mostra que elemento decisivo para o conhecimento histórico é a continuidade; “Pois vivemos diretamente a continuidade dos acontecimentos como nossa própria forma de existência,

⁵ Visto isso, Simmel conclui que “a compreensão só se completa quando integra o conjunto de conteúdos que se realizaram” (2011, p.14), ou seja, “quando a compreensão intemporal permite inscrevê-la no tempo” (2011, p.15).

também como capazes de projetá-la nos acontecimentos históricos”. (SIMMEL, 2011, p. 23). Sobre o problema da concepção atomista do mundo que trabalha com a segmentação do conteúdo, para Simmel, tal fragmentação dos fenômenos, retira o seu caráter histórico, pois:

Conhecer o mínimo movimento de cada soldado perder-se-ia a unidade viva do acontecimento no todo, naquilo que liga início e fim do quadro cronológico e, por conseguinte, a indicação de um antes e um depois perfeitamente determinados em relação a todos os outros (2001, p. 25).

Com esse exemplo, Simmel nos mostra que essa concepção permite que elementos essenciais do conhecimento histórico se percam, ou seja, os conteúdos e a continuidade, é uma crítica ao realismo histórico e ao idealismo, que procuram reproduzir efetivamente os acontecimentos, retirando o movimento dos conteúdos que dão vida à expressão da História.

Considerações finais

A diversidade temática característica da obra de simmeliana nem sempre foi vista com bons olhos pelos intelectuais de sua época, na verdade segue a lógica de sua compreensão a respeito do método sociológico e da teoria da história, que estão imbricados em forte influência filosófica sobre a teoria do conhecimento de Kant e de Nietzsche. Incompreendido em sua época, Simmel é reconhecido como o criador da Sociologia da cultura por ter percebido as intensas mudanças culturais pelas quais a sociedade estava passando. Seus textos expressam suas observações sobre a vida moderna, tão complexa e múltipla, com interações diversas capazes de gerar temáticas igualmente diversas, tais como prostituição, dinheiro, paisagem, moda, comida, estrangeiro, utilizando-se de vários recursos temáticos para compor seu pensamento e teoria. Simmel via na interdisciplinaridade (Filosofia, Sociologia, História, Psicologia, etc) o caminho que melhor poderia abarcar o caráter heterogêneo da cultura na sociedade moderna, onde os processos de *sociação* entre indivíduo e objeto, ou entre indivíduos estão sempre em movimento, seja pela unidade, seja pela negação da unidade pelo conflito.

No que tange ao estudo sobre teoria da história temos na interpretação dos fenômenos sociais o método de análise, o que implica conhecimento dos conteúdos, em forte relação, como já foi referido, à *epistemologia* de Kant e ao *perspectivismo* de Nietzsche. O *perspectivismo* privilegia o ato de lançar perspectivas sobre o que se conhece, por meio da interpretação ou reflexão realizada por meio de esquemas conceituais. Para alguns estudiosos, o *perspectivismo* constitui um desdobramento da tradição epistemológica moderna kantiana⁶. O conhecimento dos conteúdos e de sua continuidade seguem a lógica metodológico de Simmel de produção e conformação das implicações históricas, sem a pretensão de manter qualquer relação com o Realismo Histórico, tão censurado por Simmel e Nietzsche.

Por isso, a perspectiva compreensiva do passado por meio dos conteúdos compostos produzidos pela *sociação* é ponto tão importante na teoria da História de Simmel, uma vez que ela elimina da História o caráter realista, que na verdade, segundo o autor, não existe, dada a pluralidade de sentidos dentro de um conteúdo e suas continuidades, que são a expressão de interações diversas produzidas por indivíduos.

Referências

BORGES, Bento Itamar. **Presença de Simmel na obra de Habermas**. Educação e Filosofia. Uberlândia. Vol. 3, n. 46, p. 247-262. Jul/Dez 2009.

LANG DA SILVEIRA, F. **A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental**. Cad. Cat. Ens. Fís., 30 v. 19, número especial: p. 28-51, mar. 2002.

MOTA, Thiago. **Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo**. Cadernos Nietzsche. N. 27, 2010. 213-237.

SOUZA, J.; OELZE, B. (Org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. UnB, 1998.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. FILHO, Evaristo Moraes. (org); PAVANELLI, Carlos Alberto (trad.)... [et al]. São Paulo, ed. Ática, 1983.

⁶ MOTA, Thiago. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. Cadernos Nietzsche. N. 27, 2010. 213-237.

_____. **Ensaio sobre teoria da história.** ABREU, Estela dos Santos (trad). p. 9-26. Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Caldas, Pedro (trad) Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TEDESCO, João Carlos. **Georg Simmel e as ambiguidades da modernidade.** Rev. Ciências Sociais Unisinos n. 43, p. 57-67, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Janeiro/abril de 2007.

_____. **Georg Simmel: modernidade e filosofia da história.** MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 15, p. 137-156, jan./jun. 2009.

VOZZA, M. **Introduzione a Simmel.** Roma; Bari: Laterza, 2003.

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo: Editora 34, 2000.

WILD, Bianca. **Georg Simmel: compreensão inicial.** 2007, disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/645632>